

Wolfram Lotz

AS TREVAS RISÍVEIS

DIE LÄCHERLICHE FINSTERNIS

Peça radiofônica

de

Wolfram Lotz

Tradução de Luciana Dabdab Waquil

Revisão de Herta Elbern

Porto Alegre/Brasil, 2015

Portugiesisch von Luciana Dabdab Waquil

gegen gelesen von Herta Elbern

© S. Fischer Verlag 2013

Todos os direitos reservados, em especial os direitos referentes à encenação por coletivos de teatro profissionais ou amadores, à leitura em público, filmagem ou veiculação da obra completa ou de partes desta via rádio, televisão e outros meios audiovisuais. Os direitos de encenação podem ser adquiridos exclusivamente junto ao

S.Fischer Verlag GmbH
THEATER & MEDIEN
Leitung: Uwe B. Carstensen
Hedderichstraße 114
60596 Frankfurt am Main
Tel. 069/6062-273
Fax 069/6062-355.

Disponível para coletivos de teatro e associações como cópia impressa para leitura. Para outros fins que não de encenação, o presente exemplar somente pode ser emprestado por um período restrito.

Este texto/esta tradução é considerado/a, até a data de sua estreia /estreia em língua alemã, como inédito/a para efeitos de aplicação da Lei do Direito Autoral. Não é permitido, antes desta data, descrevê-lo integral ou parcialmente, divulgar seu conteúdo sob qualquer forma ou discuti-lo publicamente.

A editora reserva-se o direito de tomar as medidas judiciais cabíveis no caso de sua publicação não autorizada.

Die Rechte an der Übersetzung liegen bei Luciana Dabdab Waquil – Rua Dr. Timóteo 123, 90570-041 Porto Alegre-RS / Brasil – luwaquil@gmail.com

Förderung der Übersetzung durch: / *This translation was sponsored by:*



Baseado no 'Coração do Apocalipse', de Francis Ford Conrad

NOTA SOBRE A EVENTUAL ADAPTAÇÃO

DESTE SCRIPT PARA O PALCO

Uma vez que se trata do script de uma peça radiofônica e não de um texto escrito originalmente para o teatro, no caso de uma adaptação para o palco serão necessárias amplas modificações. Assim, mudanças grandes na dramaturgia, cortes, inserção de outros textos, etc. não são apenas permitidos, mas também recomendáveis. Em informes, programas e outros textos afins, não deve ser utilizada a designação "peça de", mas sim "baseado/a na peça radiofônica de" - pois é isso o que é.

Divirtam-se.

W. Lotz, 11 de abril de 2013

I. PRÓLOGO DO PIRATA SOMALI

Meritíssimo Juiz e Presidente do Tribunal,
meu nome é Último Michael Pussi,
e como Vossa Excelência sabe e conforme também se pôde ler na imprensa
alemã, eu sou um negro preto da Somália.

Para facilitar, vou falar aqui em alemão,
peço sua compreensão para esse fato, isso torna tudo mais fácil, eu acho.
Sobre a minha pessoa posso fornecer os seguintes dados:
Eu nasci na estação das chuvas, sob uma árvore cujas flores têm um aroma que
não se compara com o das flores de nenhuma outra árvore, mas que ao meio-
dia, ariscas, já fecham seus cálices aos olhares dos seres humanos e dos
animais.

O nome do meu pai geralmente era Kanok, mas às vezes ele também se
chamava Pulpin, às vezes se chamava Thoarde, outras vezes Iltis, dependendo
da pessoa com quem ele falava. Seu ofício era o de alguém que cata coisas com
uma vara no chão de areia da periferia de Mogadíscio.

Minha mãe se chamava Honija. Ela aprendeu diferentes ofícios: a cozinar
objetos numa panela de lata, a lavar roupas, a limpar as coisas que se possui, a
chorar quando se está triste, a cantar se se está alegre, a programar tabelas
simples no Excel, a enxotar cães com um galho seco quando eles ficam muito
abusados e a dar proteção. É do meu conhecimento que estou aqui, perante o
Tribunal Regional de Hamburgo, sob a acusação de pirataria. Está correto que
sou pirata. Também reconheço ter cometido o delito de que sou acusado, o
assalto ao navio de carga MS Taipan. Tenho, porém, o direito de contar como
cheguei a esse delito, porque quero apelar por sua compreensão para a nossa
situação, que nos obriga a isso, mesmo que nossas circunstâncias de vida
possam soar estranhas, absolutamente incompreensíveis, para um europeu
ocidental. Ainda assim:

Antes de me dedicar à pirataria, eu aprendi primeiro o ofício de pescador.
Cheguei a esse ofício por intermédio de Tofdau, o meu melhor amigo. Tofdau,
desde criança, sempre quis ser pescador. Eu, quando criança, não me importava
com o que seria de mim. Quando era criança, eu sempre dizia: Não dou a mínima
para o que vai ser de mim, que vão todos tomar no cu.

Mas à noite, quando nos sentávamos os dois num tonel serrado ao meio, atrás de uma velha fábrica na periferia de Mogadíscio, onde mais antigamente, na época de colônia, se industrializava bananas, então, quando estávamos nós dois à noite sentados nesse tonel atrás da fábrica, aí Tofdau me contava o que sabia sobre pesca. Não era muito, mas ele fazia isso de um jeito bonito e apaixonado. E, então, lá pelas tantas eu também comecei a sonhar em me tornar um pescador, e Tofdau e eu prometemos um para o outro que iríamos nos tornar pescadores juntos.

Tofdau dizia: "Quando a gente olha da periferia da cidade para o mar, dá para enxergar lá adiante vários navios coloridos. Há navios ingleses, holandeses, japoneses, indianos, americanos, alemães e chineses, e eles estão lá porque o mar da Somália é rico em peixes maravilhosos, assim como o céu é rico em estrelas. Nós só precisamos sair para o mar e nos servir dessa riqueza."

E, assim, quando chegou a hora, quando nossos corpos ganharam força e tinham crescido pelos em nossas axilas,

Tofdau e eu tecemos redes

e compramos, do dinheiro que Tofdau tinha herdado de sua gorda mãe, e do dinheiro que ele tinha recebido de outro lugar (ninguém sabe detalhes a respeito),

e do dinheiro que eu tinha conseguido com a compra de um rádio de pilha estragado, que revendi na internet depois de consertar, e do dinheiro que recebi pela construção de uma pequena cerca de jardim, e do dinheiro que ganhei com a venda de um pássaro de penas azuis brilhantes, que eu havia capturado com as mãos atrás da casa do velho Olim, e do dinheiro que eu recebi da venda de uma fita-cassete de rap francês

e do dinheiro que eu ganhei para cavar uma fossa rasa para irrigação entre duas outras fossas cavadas por outras pessoas, desse dinheiro,

nós compramos um pequeno barco amassado.

Nós o batizamos com o nome "Esperança".

(Se houver alguma pergunta até aqui, é só dizer.

Se qualquer coisa não parecer convincente, podem perguntar. Bem.)

Então chegou, finalmente, nosso grande dia: nós saímos em nosso barco para o mar. Quando tínhamos nos distanciado alguns quilômetros da margem, Tofdau desligou o motor e nós escutamos o silêncio.

Silêncio.

Então nos abraçamos, rimos e largamos as redes na água. Depois de um tempo, recolhemos as redes. Mas não conseguíamos acreditar em nossos próprios olhos: as redes estavam vazias. Então, nós olhamos para baixo, para dentro do mar, e vimos que também o mar estava completamente vazio. Os pesqueiros ingleses, holandeses, japoneses, indianos, americanos, alemães e chineses tinham pescado todos os peixes e mais todo o resto. O mar estava completamente vazio, não havia nem mesmo uma alga ali dentro, nada de plâncton, nada mais, nem mesmo água havia ali dentro. O mar estava tão claro que se podia enxergar através dele, mais e mais para baixo, até o fundo, nada mais, nem uma gota d'água e fora isso também nada mais, tão vazio que estava o mar, e lá, bem embaixo, bem no fundo do fundo, Tofdau e eu enxergamos a crosta oceânica brilhando, mas ela não era de areia, como nós sempre tínhamos pensado, e sim de raiva, de uma raiva infinita e eterna. Tofdau começou, então, a gritar, ele berrava como um animal ferido e queria se jogar lá embaixo, no vazio, mas eu o segurei, enlaçando-o como uma mãe faz com seu filho quando vêm as milícias, eu segurei meu amigo Tofdau para ele não saltar, segurei-o com toda a força.

Nós voltamos para a terra firme; a noite já havia caído do céu. Tofdau desceu do barco sem dizer uma palavra e desapareceu na escuridão. Eu não sabia o que fazer. Deixei o barco escondido, coberto com uma lona, e saí andando pela cidade noturna, a cabeça cheia de ideias desordenadas. A uma certa altura, subi numa árvore, a cidade estava completamente silenciosa naquela noite, apenas de vez em quando eu escutava o fogo distante de uma metralhadora, e quando o sol se levantou, tomei uma decisão. Sentado naquela árvore, eu resolvi iniciar o curso de Pirataria na Universidade de Mogadíscio. Fiz diversas solicitações de auxílio e recebi uma bolsa de estudos mensal da Fundação de Estudos Islâmicos

de Mogadíscio, mais um pequeno salário da Fundação de Estudos Superiores para o Povo Somali, bem como uma ajuda do Instituto de Fomento de Altas Capacidades para a Formação Profissional na África Oriental. Nos ciclos básico e avançado, aprendi sobre a abordagem de navios históricos e contemporâneos, a perseguição camouflada a um navio na escuridão noturna, o atirar-para-o-alto-com-uma-metralhadora por alegria ou para incutir medo e como gritar alto para fazer a tripulação estrangeira se entregar. Obteve meu diploma com uma nota excelente.

Nunca mais tinha encontrado Tofdau desde aquela referida noite, mas depois de buscar meu diploma na secretaria acadêmica, fui a sua procura. Porque, na nossa cultura, amizade é muito importante (isso é uma coisa que se precisa saber para nos compreender). Procurei no Google por Tofdau e rapidamente descobri que ele estava trabalhando como empregado numa creperia num bairro pobre da cidade. Quando cheguei lá, no dia seguinte, verifiquei que a lanchonete não passava de um pedaço de chapa ondulada sobre quatro estacas. Tofdau era encarregado pelo proprietário etíope de fazer os crepes. Embora parecesse que o negócio ia bem no bairro, Tofdau dava a impressão de estar muito infeliz no emprego. Eu fui até ele, abracei-o e disse: "Tofdau, você é a única pessoa que eu ainda tenho no mundo - eu sou agora um pirata e quero sair para o mar no nosso barquinho. Vem junto comigo!" As lágrimas encheram os olhos de Tofdau, ele pegou o crepe que havia acabado de preparar, aplicou-lhe uma camada de creme de aipo com nata azeda, enrolou e o deu ao cliente esfomeado - e, sem esperar pelo pagamento, jogou o avental para o alto e me seguiu, e nós andamos cantando pelas ruas de Mogadíscio e descemos até a orla, onde, escondido sob uma lona, ainda se encontrava nosso barco amassado, Esperança. Enquanto esperávamos por navios adiante da orla (esperamos vários dias e noites), Tofdau me contou o que havia feito naquele tempo todo em que eu estava estudando.

Disse:

"Último, meu amigo, primeiro eu fiquei tão arrasado que não estava em condições de dar um rumo à minha vida. Vivia sem pensar, estava muito deprimido. Mas logo dinheiro foi acabando e eu não consegui encontrar um serviço de uma hora para a outra. Aí, naquela situação de necessidade, comecei a deixar enfiarem

objetos no meu rabo por dinheiro. Eu nunca tinha contado para ninguém, Último, você é o primeiro a quem estou contando, porque você é meu amigo. Eu deixei me enfiarem um tubo de desodorante, um pegador de salsicha para a grelha, um radio-relógio, deixei me enfiarem uma nectarina no rabo, o braço de uma cadeira de jardim dobrável, uma antologia de poesia islandesa, o carregador vazio de uma Kalashnikov, uma latinha de ração para gatos, a gavetinha de um criado-mudo e sei lá mais o quê. Ganhei muito dinheiro para isso, pode acreditar, dá para se ganhar muito dinheiro com isso, mas não é bom. Eu não estou dizendo que seja deplorável alguém deixar colocarem coisas no seu rabo. Pode até ser legal e certo, se a pessoa quiser isso. Mas se ela fizer só pelo dinheiro e não quiser realmente, então não é bom. Pouco a pouco, Último, isso vai matando o passarinho cantor que mora no nosso coração. Pode ser que eu seja conservador, mas é assim que eu vejo. Bem, depois de uns meses, consegui então o emprego na creperia, um emprego bom, decente. Mas a gente trabalha o dia inteiro e ganha tão pouco que nem dá para viver. Que é que se pode fazer, que é que se pode fazer neste mundo maldito?"

Nesse ponto, meu amigo Tofdau foi interrompido repentinamente por um ruído alto - é importante saber que ele soava mais ou menos assim:

Último faz um ruído de buzina com a boca.

Deu para reconhecer? Não? Espere!

Último faz o ruído mais uma vez.

E? Ainda não? Espere, eu vou fazer mais uma vez:

Gravação de uma buzina de navio.

Deu para reconhecer agora? A buzina de um navio, era para ser a buzina de um navio! O senhor entende? Lá estava, de repente, um navio grande vindo bem na direção do nosso barquinho. Por descuido, nós simplesmente não o tínhamos visto se aproximar no lusco-fusco do entardecer.

Já era tarde demais para desviar, nossa única chance era abordar o navio. Eu reconheço que não posso dizer que só abordei o navio para nos salvar, eu tive ao mesmo tempo a ideia de assaltar o cargueiro, mas também não foi assim que eu só queria abordar o navio para assaltá-lo, e sim que, nesse momento, eu não

conseguia separar o desejo de assaltar o navio e o de nos salvar. O senhor entende? (Esse é um ponto muito importante!)

Como eu falava: Quando o cargueiro estava quase nos alcançando, nós o abordamos. Aqui neste ponto, eu tenho que pedir que o senhor comprehenda que não posso descrever o procedimento exato, isso é proibido pelo nosso código de honra dos piratas somalis. Mas que seja dito: trata-se de uma manobra quase inacreditável e muito ousada, que exige muita habilidade. E essa foi também nossa maldição: Tofdau, que não tinha experiência, caiu no mar durante a manobra. Eu percebi isso somente ao alcançar o convés: me virei e não enxerguei mais Tofdau. Olhei para baixo: apenas os destroços do nosso barquinho eram jogados pelo mar agitado, mas eu não conseguia ver Tofdau. Meu coração se encheu de horror por não ter cuidado direito do meu amigo, e eu corri pelo navio e comecei a gritar: "Vocês têm que parar o navio!" Mas ninguém me respondia, e eu irrompi pelos corredores e escada acima naquele navio gigantesco, até a ponte lá em cima, mas não havia ninguém lá, e eu gritei e gritei o mais alto que podia, mas ninguém me respondeu. Eu estava sozinho sobre a ponte, no meio de toda aquela tecnologia, mas nem o software, nem o hardware eram conhecidos para mim, nós não tínhamos visto no curso (ou eu tinha faltado), era uma máquina estranha, estranha, e eu não sabia como parar o navio. Gritei por socorro até meu coração ficar completamente entorpecido de medo. E, a partir do meu coração, o entorpecimento se alastrou pelo meu corpo, e eu perdi a consciência. Quando voltei a mim, estava sentado algemado sozinho no convés de um barco da marinha holandesa. Era noite ao meu redor. Como o senhor sabe e conforme eu mesmo fiquei sabendo somente depois, pela imprensa, a tripulação do cargueiro havia se escondido num espaço protegido e, de lá, pedido auxílio por rádio. Em seguida, uma unidade especial da marinha holandesa deve ter abordado o cargueiro (pelo menos foi o que disse o jornal) e

libertado a tripulação, e me prendido, a mim, que estava caído, inconsciente, na ponte.

E, enquanto a embarcação rápida da marinha holandesa avançava pelo mar e no céu noturno sobre mim brilhavam milhões e zilhões de estrelas, eu me lembrei de uma história que minha avó Kroka contou uma vez para mim e o meu amigo Tofdau quando nós éramos crianças, sobre o surgimento do céu: "No início, tudo eram trevas e nada existia, e Deus falou: Estas trevas e o nada não são suficientes. E Deus criou uma grande metralhadora, e ele criou uma pick-up, e ele criou uma empresa alemã que fabricava munição traçante, e ele montou a metralhadora em cima da caçamba da pick-up e atirou com a munição traçante feito um louco na escuridão, e assim foi criado o céu."

E, quando eu estava sentado no convés da embarcação da marinha, olhando para o mar e para o céu, senti um enorme horror dentro de mim e chorei como nunca tinha chorado.

Esta é a minha história. Peço que o senhor acredite em mim. Eu sei que a minha realidade pode ser estranha e incompreensível para o senhor, como europeu ocidental, mas eu lhe peço que compreenda e que acredite em mim, na medida do possível. Meu advogado fez a gentileza de mandar pedir lá da minha terra alguns elementos de prova para sustentar minha história, pelo que lhe sou muito grato, e que eu gostaria de lhe mostrar brevemente.

Primeiro, o portão de entrada da Universidade de Mogadíscio, onde estudei Pirataria. Veja aqui:

Ouve-se a gravação de uma porta rangendo.

Além disso, eu tenho aqui a parte da orla em que nosso barco Esperança ficou guardado debaixo de uma lona. O senhor veja:

Ouve-se uma gravação de cegonhas guinchando e da arrebentação.

E aí é a rua onde eu cresci em Mogadíscio.

Ouvem-se carros buzinando, vozes estranhas, o ronco de motocicletas, etc...

Eu sei que esses elementos de prova podem parecer risíveis, mas não disponho de outros. Também sei que minha história talvez possa lhe parecer risível, porque tudo parece extravagante, incomum, mas eu lhe peço compreensão. Peço a sua compreensão!

É minha única chance.

II. A VIAGEM PELO RIO

1.

Meu nome é Oliver Pellner, eu sou Primeiro-Sargento do Exército alemão. Minha missão era encontrar o Primeiro-Tenente Karl Deutinger, para que ele fosse liquidado. Deutinger era integrante de uma unidade especial de três pessoas que estava há um ano e meio em missão secreta nas florestas no leste do país. Seu encargo, entretanto, não foi levado a termo, porque Deutinger, conforme eu pude depreender da documentação que me foi entregue, num ato de loucura, havia matado seus dois camaradas, Ingo Petrov e Matthias Wenske. Eu tinha ordens, então, de encontrar Deutinger na zona-alvo e de informar sua localização exata ao centro de operações para um ataque aéreo.

Para isso, eu deveria subir o Hindu Kush num barco de patrulha até a área-alvo. Aqui as pessoas dizem: "Mas o Hindu Kush não é um rio, é uma cadeia de montanhas." As pessoas falam o que veem na televisão e acreditam, e acabam achando, então, que sabem que o Hindu Kush é uma cadeia de montanhas. Mas eu estive lá e subi o Hindu Kush. É um curso de água escura, que flui lentamente. Eu subi o Hindu Kush à procura do Primeiro-Tenente Deutinger, me embrenhei nas florestas tropicais do Afeganistão, acompanhado apenas do Suboficial Stefan Dorsch, que dirigia nosso barco de patrulha. O melhor é Stefan Dorsch mesmo dizer algumas breves palavras sobre a sua pessoa.

STEFAN DORSCH O que é para eu dizer, Senhor Primeiro-Sargento?

PELLNER Ora, por exemplo, que você é da Alemanha Oriental.

STEFAN DORSCH Está certo. Então: eu sou da Alemanha Oriental, de Bernburg, no Estado de Sachsen-Anhalt.

PELLNER E alguma coisa sobre a sua qualificação profissional?

STEFAN DORSCH Eu estudei Serviço Social.

PELLNER Mas o senhor deve acrescentar também que não concluiu.

STEFAN DORSCH Sim, não concluí a faculdade.

PELLNER Conte ainda em poucas palavras como o senhor veio parar no Exército alemão.

STEFAN Como assim?

PELLNER Aquilo da situação precária lá de onde o senhor vem.

STEFAN DORSCH Sim. Então, eu vim parar no Exército alemão porque não encontrei um trabalho depois da faculdade. Por isso me alistei. Já era claro que eu, então, também teria que ir para uma zona de guerra, mas achei que isso era melhor do que ficar desempregado.

PELLNER Exato. Mas você não se alistou assim sem mais nem menos.

Você estava em dúvida devido a sua situação particular.

STEFAN DORSCH É, bem, é verdade.

PELLNER Você ainda poderia falar um pouco disso!

STEFAN DORSCH Mesmo?

PELLNER Bem, só se você quiser!

STEFAN DORSCH OK, está bem.

Eu só havia tido uma namorada até então, e nós também só ficamos um mês e meio juntos. Isso foi há quatro anos. Eu estou agora com 31. É claro que isso foi uma coisa que eu pensei: se eu me alistar e tiver que participar de missões no estrangeiro, isso praticamente me impossibilita de encontrar alguém. E, na verdade, isso é que é mais o importante: a gente ter alguém. E a sexualidade também, é claro.

Isso me faz falta.

Pausa.

Mais alguma coisa que eu deva dizer sobre mim?

PELLNER Não, obrigado, isso é suficiente por enquanto.

STEFAN DORSCH Mas eu queria lhe fazer uma pergunta, Senhor Primeiro-Sargento.

PELLNER Sim?

STEFAN DORSCH Pelo que entendi, eu devo levar o senhor rio acima, mas qual é exatamente a nossa missão?

Oh, estas perguntas! Eu não podia dizer a ele, era uma missão rigorosamente confidencial. *Pausa.* Simplesmente fiz como se não tivesse escutado.

2.

Alguns dias depois de nossa partida, alcançamos, conforme o planejado, o último posto propriamente dito antes de começar a completa selva. O acampamento era coordenado por capacetes azuis italianos. Eles provavelmente já nos tinham visto de longe, porque o comandante, um certo Lodetti, havia descido até o ancoradouro para nos receber.

Lodetti conduziu-nos até o acampamento. Na encosta, dúzias e dúzias de nativos à toa, alguns deitados, dormindo debaixo de uma árvore, outros sentados ao redor de um fogo, assando uma cobra, outros ainda sentados numa rocha saliente, jogando, calados, um tipo de jogo de dados no calor do meio-dia. Todos eles não pareceram se importar particularmente conosco.

O que estas pessoas estão fazendo aqui?, perguntei.

Lodetti respondeu mais ou menos assim:

LODETTI Eles estão trabalhando na colheita. Passam o intervalo do almoço aqui. Aqui eles estão seguros contra os ataques dos talibãs.

PELLNER Por que eles passam o intervalo do almoço aqui em cima de um rochedo íngreme?

LODETTI Ah não, nem precisa continuar! Primeiro, eles ficavam sempre no acampamento, mas simplesmente não dava.

STEFAN DORSCH Qual foi o problema?

LODETTI Estes nativos... como é que eu posso dizer... Esta gente não tem um pingo de civilização. O problema foi o uso do banheiro. Nós tentamos por bastante tempo ensiná-los a se sentarem para urinar, mas sempre tinha um deles que simplesmente não fazia isso. Sempre tinha uns respingos na tampa do vaso, essas coisas. Duas vezes, eram até outros resquícios no vaso, porque eles, pelo visto, também não tinham usado a escova para limpar o vaso. Simplesmente não deu mais. Mas também não foi uma boa solução mandá-los fazer num lugar qualquer atrás do acampamento; nesse clima quente, logo começa a feder. A uma certa hora, eu tive a ideia de que eles podiam ficar na encosta junto ao rio durante o intervalo do almoço. Não foi uma solução perfeita, mas ali eles continuam protegidos pelo nosso acampamento e - o principal - eles

podem simplesmente fazer no rio, o que se mostrou, no final das contas, como a melhor alternativa. E se trata mesmo só do intervalo do almoço; à noite, eles voltam para as suas aldeias.

PELLNER No que trabalha essa gente aqui?

LODETTI Eles colhem coltan nas florestas; aqui neste país eles estão longe de conseguir praticar algum cultivo sensato. O coltan é usado na fabricação de telefones celulares; as companhias europeias pagam um bom dinheiro por ele, e se nós não supervisionássemos a colheita, os talibãs iriam abocanhar os lucros.

STEFAN DORSCH Quer dizer que é por isso que o posto foi erguido aqui?

LODETTI Sim, por que outro motivo alguém teria a ideia de construir um posto aqui no meio da selva? Nós estamos aqui completamente isolados de tudo. Estamos há meses tentando conseguir conexão para a internet, mas é simplesmente impossível. Televisão, então, nem se fala. O senhor consegue imaginar isso? Nós estamos aqui no meio da zona de guerra, mas não ficamos sabendo de nada dela, porque nós não temos nem televisão nem internet aqui. De tempos em tempos, lançam granadas da floresta em nossa direção, e volta e meia acontecem ataques de unidades individuais, mas fora isso nós não percebemos nada da guerra, é uma coisa inconcebível, simplesmente não tem internet neste fim de mundo.

Lodetti conduziu-nos a seu container, onde nos convidou para comer. Não sei mais o que tinha, mas soava assim: *Tilintar suave de talheres*.

A certa altura, durante a refeição, Lodetti disse:

LODETTI É minha obrigação alertar o senhor quanto ao perigo de seguir adiante. A selva lá fora é o mais puro horror. Com exceção de uma pequena missão rio acima, este aqui é o último posto propriamente dito. Lá fora, na selva, impera a loucura. Lá, com o tempo, as pessoas acabam enlouquecendo. A selva deixou também aquele alemão louco.

PELLNER De que alemão o senhor está falando?

LODETTI Tem um alemão em algum lugar na floresta, a gente conseguia escutá-lo aqui pelo rádio. Eu nunca escutei. Mas nosso operador de rádio volta e meia captava; deve ter sido uma coisa horrorosa. Primeiro, nosso

operador de rádio foi ficando cada vez mais estranho, passava também a noite no rádio, isolou-se completamente. Nós não imaginamos nada, acontece aqui, às vezes, de a pessoa não estar muito bem-humorada; mas uma hora passa. Mas nosso operador de rádio, uma hora, surtou e matou três camaradas seus com uma cadeira de jardim, antes de nós o abatermos com um tiro. Foi terrível.

PELLNER Por que ele fez isso?

LODETTI Não tenho ideia. Nós não sabemos. Depois do incidente, mandei destruírem o equipamento de rádio - por segurança. Claro que isso é um problema, porque nós ainda não temos internet, mas eu sou responsável pelo comando aqui e tenho a responsabilidade, afinal de contas.

Aos poucos, foi ficando mais ruidoso no acampamento. O intervalo do almoço parecia ter acabado. Diante da janela, passavam os trabalhadores, acompanhados de alguns soldados fortemente armados. *Gritos de: "Avanti! Avanti!"*

Cada nativo levava um saco plástico vazio a tiracolo e uma ferramenta, que parecia ser uma mistura de tesoura de jardim com um mordente. Somente então percebi que muitos trabalhadores tinham uma parte do corpo faltando: um não tinha uma orelha, a outro faltavam um braço e o nariz, outro não tinha uma mão, a um faltavam ambos os olhos e uma orelha, a outro faltavam numa mão todos os dedos fora o polegar, outro não tinha uma perna, que havia sido precariamente substituída por um tubo de chaminé de lata. Apesar de tudo, os trabalhadores transmitiam uma impressão alegre. Novamente me ocorreu a ideia de que aqueles selvagens podiam ser mais felizes do que nós, civilizados, que nós, embora tivéssemos tudo o que precisávamos, éramos mais infelizes do que aqueles desfavorecidos, que felicidade não tem nada a ver com a falta de uma parte do corpo ou não.

Lodetti havia ficado sentado apaticamente, completamente absorto em sua refeição. Num certo momento, suspirou. Então, começou, do nada, a contar a seguinte história:

LODETTI Eu cresci numa pequena aldeia nas montanhas, nos Dolomitas, com uns 250 moradores. E quando era criança, com uns cinco, seis anos,

isso era no início dos anos 70, tinha na minha aldeia um movimento intenso de casas noturnas. E, nós, as crianças, sempre íamos ainda dançar depois da janta; era uma época muito maluca. Nós também tomávamos muitas drogas lá, muita coisa sintética. Uma noite, eu encontrei numa casa noturna uma menina que eu nunca tinha visto antes; ela tinha a minha idade, ou seja, cinco ou seis anos, e eu gostei dela imediatamente. E nós também nos entendemos logo superbem. A menina se chamava Marina. Naquela noite, eu estava com dois comprimidos, coisa pesada, que nós ingerimos juntos e depois dançamos até cair. Foi lindo. Mas uma hora, é claro, a festa acabou e nós tínhamos que voltar para casa, e aí eu senti, de repente, uma coisa que nunca tinha sentido até então: eu queria ir com Marina para casa e transar com ela. Isso foi totalmente perturbador para mim, porque eu era uma criança de cinco ou seis anos e não conseguia encaixar bem esse sentimento. E Marina também estava completamente perdida: Ela disse que eu estava muito chapado e que deveria primeiro voltar à real, que a gente não podia simplesmente sair transando, que nós éramos crianças. Mas eu implorei para ela vir comigo ao meu quarto de criança, só que Marina não quis e lá pelas tantas simplesmente foi embora e me deixou sozinho. Eu estava tão desesperado naquele momento, ali sozinho entre as casas de madeira da nossa aldeia e com o sol já nascendo, que simplesmente desatei a chorar - as lágrimas e o ranho escorrendo para dentro do meu pulôver. Eu soluçava sem parar e, naquele momento, comprehendi que aquelas drogas de merda tinham acabado com a minha infância.

Lodetti calou-se. Ele ficou por um momento perceptivelmente emocionado. Stefan Dorsch me olhava com ar interrogativo, ele também não havia entendido o que Lodetti queria nos dizer com aquela história. Então Lodetti se voltou novamente para sua refeição, para ele a coisa parecia ter ficado resolvida.

Depois da comida, Stefan Dorsch se dirigiu ao ancoradouro para abastecer o barco com gasolina e provisões. Lodetti e eu permanecemos mais um pouco sentados, bebemos um café e conversamos. Lodetti me contou que havia

assistido ao onze de setembro pela televisão durante um veraneio no Lago de Como e que, na época, não podia imaginar tudo o que viria a seguir.

LODETTI Eu assisti ao onze de setembro pela televisão durante um veraneio no Lago de Como e, na época, não podia imaginar tudo o que viria a seguir.

E então contou que uma vez havia entrado chuva pelo telhado do container e que com isso estragou o aparelho de som.

LODETTI Uma vez entrou chuva pelo telhado do container e com isso estragou o aparelho de som.

Além disso, Lodetti contou que gostava de móveis de vime.

LODETTI Eu gosto de móveis de vime.

Lodetti fez questão de me acompanhar na descida até o ancoradouro para se despedir de nós:

LODETTI Faço questão de acompanhá-lo até o ancoradouro para me despedir dos senhores.

Passos na grama.

Na descida para o rio, Lodetti se deteve, de repente, na trilha estreita:

LODETTI Malditos selvagens; maldita turba sem civilização...

Lodetti havia se curvado e juntado da grama a embalagem de celofane amassada de uma barrinha de chocolate.

LODETTI É inacreditável! E lá - olhe só lá!

Lodetti correu alguns passos à frente e juntou uma bagana de cigarro jogada no meio do capim.

LODETTI *Histericamente*. Quantas vezes eu disse para essa gente jogar o lixo no rio, e não na grama? Mas esses bárbaros simplesmente não entendem! Eles simplesmente não entendem! É uma loucura! É uma loucura!

Nós ainda vamos nos afundar aqui nessa selva! Nós vamos todos nos afundar nesta selva! Uma pessoa não pode se comportar dessa maneira! É uma loucura isso! É uma completa loucura!

Lodetti havia ficado com a cabeça vermelha, ele parecia estar lutando para manter o controle. Sacudindo a cabeça, com passos pesados, tomou a dianteira

na descida. Somente quando tínhamos chegado ao ancoradouro, Lodetti deu a impressão de ter-se acalmado um pouco.

LODETTI Passem bem, cuidem-se, dirijam com cuidado, passem bem,
é uma loucura isso, uma loucura.

Nosso barco se pôs em movimento. Lodetti, no ancoradouro, acenou-nos com uma mão, na outra continuava segurando a embalagem e a bagana de cigarro. Nós nos afastamos, Lodetti foi ficando cada vez menor, até ficar irreconhecível, mas eu podia distinguir que alguma coisa lá continuava acenando. Decidi simplesmente não olhar mais naquela direção. A nossa frente, agora, tínhamos somente o rio e, ao redor, a escura, infindável floresta.

3.

STEFAN DORSCH A água se divide de um jeito tão bonito na proa.
Disse o coisa, disse Stefan Dorsch em algum momento.

Pausa mais longa.

PELLNER Que foi?

STEFAN DORSCH A água se divide de um jeito tão bonito na proa.

Pausa.

PELLNER Ah. *Pausa.* Hum.

Pausa.

Por que você está falando isso?

STEFAN DORSCH Por nada...

PELLNER Por nada?

STEFAN DORSCH Eu tinha acabado de ver. Então, simplesmente falei.

Pausa.

PELLNER OK ...

Pausa.

Você costuma falar sozinho?

Pausa.

STEFAN DORSCH Não, na verdade, não.

PELLNER Ah?

STEFAN DORSCH Na verdade, eu não estava falando sozinho.

PELLNER Não?

STEFAN DORSCH Eu - na verdade, eu falei aquilo para o senhor.

PELLNER Você falou para mim que a água se divide de um jeito bonito na proa? *Pausa.*

STEFAN DORSCH Sim.

Pausa.

PELLNER Hum.

Pausa.

E por quê?

STEFAN DORSCH Não sei.

Silêncio constrangido.

PELLNER Ah?

STEFAN DORSCH Bem, eu provavelmente falei para...

PELLNER Para?

STEFAN DORSCH Para puxar conversa com o senhor de alguma forma.

Pausa.

PELLNER Para puxar conversa comigo?

Pausa.

STEFAN DORSCH Bem... sim.

PELLNER Ah.

Pausa.

STEFAN DORSCH Sim, é.

PELLNER OK...

STEFAN DORSCH Eu pensei: se nós dois estamos aqui, subindo este rio juntos, então...

PELLNER Sim?

STEFAN DORSCH Então também é uma oportunidade, de se...

PELLNER Se o quê?

STEFAN DORSCH Ora, de se conversar.

PELLNER Hum.

STEFAN DORSCH Ou não?

PELLNER Sim, por que não?

Pausa.

STEFAN DORSCH Eu gostaria.

Pausa.

PELLNER Hum hum.

Silêncio constrangido.

STEFAN DORSCH Eu não sou muito bom nessas coisas, eu sei.

Pausa.

Mas de algum jeito a gente tem que começar.

PELLNER Sim, bem, claro.

Pausa.

O que mais eu posso dizer? Nada, é claro.

Com certeza, a intenção dele devia ser sincera, mas o jeito como exprimiu isso - não, não tinha como.

Stefan Dorsch me olhou de um modo estranho, com um ar interrogativo, talvez, ou temeroso ou coisa parecida, eu também não sei, sinto muito que agora não dê para enxergar nada, só se consegue escutar tudo. Mas para escutar não havia nada agora, bem, quase nada, apenas rumorejar do rio, é claro.

Pausa.

Está bem. Aqui, então, o rumorejar do rio:

Rumorejar do rio.

4.

A floresta terrível cercava o rio, ela nos cercava como um corpo gigantesco adormecido. Nós seguíamos rio acima, mas nossos olhares deslizavam para baixo, ao longo da floresta, ao longo daquelas franjas de escuridão. Onde nós estávamos? Nos equipamentos, podíamos verificar que estávamos em movimento, mas a floresta ao nosso redor permanecia imutável. Nossos olhares não encontravam nenhum paradouro, eles deslizavam pelas margens cobertas de mato, pela superfície do rio, na qual flutuava um ponto. Havia um ponto na superfície do rio, um ponto que se aproximava, alguma coisa estava se aproximando. Maldição, alguma coisa estava se aproximando!

Mas demorou ainda um bom tempo.

Pausa muito longa.

Sim, somente depois de um bom tempo pudemos reconhecer que era um nativo numa canoa. Ele gritou muitas vezes:

STOJKOVIC Não atirem, não atirem, eu gritava, por favor, não atirem, eu estou desarmado! Por favor, não me façam nada! Por favor!

PELLNER Como é o seu nome?

STOJKOVIC Eu me chamo Bojan Stojkovic.

PELLNER E o que você faz aqui?

STOJKOVIC Sou comerciante.

PELLNER Comerciante de quê?

STOJKOVIC Oh, muitas coisas. Eu comércio, por exemplo, iogurte, massa fusili, torradas, vagens, mistura em pó para pudim, queijo de cabra sem lactose, fósforos, colchões de ar, fio dental e alho-poró, mariscos, fundos de investimentos, cachorros, mamões, bonequinhos feitos de castanhas e lençóis com elásticos, palha para pequenos animais domésticos, jogos para *playstation*, contas de vidro, barrinhas de cerais, CDs de *lounge music* e cadarços, coisas de uso diário, enfim.

PELLNER E onde você mora?

STOJKOVIC Moro aqui, aqui nesta canoa.

STEFAN DORSCH Você não tem uma cabana em algum lugar?

STOJKOVIC Não, eu tive uma vez uma casa, mas ela foi destruída.

STEFAN DORSCH Pela guerra?

STOJKOVIC Foi na guerra, mas foi culpa minha.

PELLNER Sua culpa?

STOJKOVIC Já faz tanto tempo, foi no fim dos anos 90. Minha esposa e meu filho morreram ali.

STEFAN DORSCH Mas o que aconteceu?

STOJKOVIC Eu tinha comprado e ajeitado, nos anos 90, uma casinha para minha família. Não aqui na floresta, mas a alguns quilômetros rio abaixo, numa aldeia chamada Novi Ocaj, nós morávamos lá, eu e minha esposa Sanja e Milo, meu menino que mal tinha completado dois anos. Era apenas uma casa muito simples. Atrás, no pequeno terraço, eu queria muito ter um toldo, para que a gente pudesse ficar ali sentado mesmo quando estivesse muito quente. Briguei várias vezes com minha esposa Sanja por causa disso, porque ela achava que hoje em dia, quer dizer, na época quando ocorreu a conversa, que ninguém mais tinha toldos, isso era coisa de antigamente, nos anos 80 era chique, mas agora estava totalmente fora de moda. É claro que ela tinha razão, eu também sabia que toldos estavam completamente fora de moda! Mas, na minha concepção, uma casa própria sempre tinha que ter um toldo, e, por isso, eu queria ter um, mesmo que fosse totalmente fora de moda. Eu era terrivelmente teimoso. Simplesmente não cedi.

PELLNER E o que tem a porcaria do toldo a ver com a morte da sua família?

STOJKOVIC É o que eu queria explicar, só preciso Bem: ao lado do nosso povoado, havia aquele posto de abastecimento da 'Naftna industrija', um depósito de combustível que os talibãs, na época, usavam também para fins militares. A OTAN fez um ataque aéreo, numa quarta-feira, na primavera de 99. Um bombardeiro da OTAN jogou uma bomba lá, uma bomba de precisão, de modo que ninguém mais fosse atingido, e estas bombas são incrivelmente precisas, ela atingiu provavelmente milimetricamente o alvo pretendido. O posto de abastecimento explodiu imediatamente, houve algumas detonações violentas, e tudo começou a

arder em chamas. Uma faísca foi o suficiente e o toldo da nossa casa, que era bem próximo, pegou fogo e depois o fogo se alastrou dali para a casa. Minha esposa, com medo, fugiu com Milo depois da explosão para o porão e, por isso, ela percebeu tarde demais que a casa tinha começado a queimar. Minha esposa estava com Milo no porão e a casa estava queimando. Quando eu ouvi a explosão, saí correndo da oficina mecânica onde trabalhava na época, corri pela aldeia até em casa, mas já estava tudo em chamas, a casa inteira, e eu não pude fazer mais nada; quando cheguei, a casa estava em chamas e eu escutei como minha esposa gritava no porão, e meu filho, como Milo gritava nas chamas, e eu não podia fazer nada, eu só podia ficar lá sem fazer nada até eles queimarem por completo. Silêncio.

STEFAN DORSCH Mas isso não foi culpa sua.

STOJKOVIC Foi.

STEFAN DORSCH Mas sua esposa e seu filho não morreram por sua causa!

STOJKOVIC É simpático de sua parte enxergar as coisas desse jeito, eu também quis enxergar as coisas assim durante muitos anos, mas não é verdade. Meus vizinhos não morreram, embora tivesse guerra, aliás, sempre tinha guerra. Só a minha família morreu queimada, porque tínhamos o toldo na nossa casa. Porque eu havia insistido naquele toldo.

STEFAN DORSCH Mas não é verdade! Foi por causa da bomba! Eles morreram por causa bomba!

STOJKOVIC Mas a bomba nem atingiu nossa casa. A bomba atingiu seu alvo milimetricamente, era uma bomba da precisão. Nossa casa pegou fogo por causa do toldo. Se eu não tivesse colocado o toldo, nossa casa não teria sido atingida, como todas as outras casas da aldeia não foram.

STEFAN DORSCH Mas não é verdade!

STOJKOVIC O senhor quer me consolar, mas é impossível me consolar. Eu sei que o senhor tem boas intenções, mas o senhor não sabe por quanto tempo eu fiquei pensando nisso.

STEFAN DORSCH Eu simplesmente não vejo as coisas assim!

STOJKOVIC O senhor não quer ver assim porque quer me ajudar, mas não pode me ajudar dessa maneira. Nesse assunto ninguém pode me ajudar.

Pausa.

Mas o senhor pode me ajudar de uma outra forma. O senhor pode me ajudar comprando alguma coisa.

PELLNER Obrigado, nós não precisamos de nada, nós temos tudo!

STEFAN DORSCH É verdade, mas a gente poderia, mesmo assim, comprar alguma coisa dele, quem sabe?

PELLNER Isso está fora de questão! Nós nem sabemos se isso que ele nos contou aconteceu realmente dessa forma!

Pode ser que as minhas palavras tenham soado muito duras, mas nós não sabíamos mesmo! E mesmo que a história fosse verdadeira, isso não significava que nós então tínhamos que sair comprando as coisas dele!

Breve silêncio constrangido.

STOJKOVIC Está bem. *Pausa.* Eu entendo que, à primeira vista, pode parecer estranho que a morte do meu filho e da minha esposa sejam usadas por mim para vender minhas coisas. Eu sei que na verdade não se deveria fazer isso.

Pausa.

Mas, num segundo momento, não posso aceitar: eu sofri essa perda, sim, sofri uma dor, mesmo que eu seja responsável por isso.

Não tem mais como voltar atrás. O Milo e a Sanja se foram, para sempre. Mas eu ainda estou aqui e preciso viver. Por acaso estou profanando a perda se ela me ajudar a encontrar uma saída e a sobreviver? De que outro jeito eu vou me alimentar?

Eu não consegui achar uma resposta. Mas fui tomado pela sensação de que tudo aquilo era apenas um pretexto para nos envolver numa conversa com o objetivo de, por fim, ainda nos vender uma coisa.

STOJKOVIC Isso não é justo. O senhor está distorcendo as coisas. Eu não estou lhe impedindo de seguir adiante, ninguém é obrigado a comprar nada aqui.

Foi exatamente o que fizemos: resolvemos seguir adiante.

STOJKOVIC Sim, à vontade. Podem ir.

Nós seguimos adiante. O comerciante foi se afastando rio abaixo, até tornar-se um pontinho minúsculo.

STOJKOVIC Um pontinho minúsculo. Pois é.

E depois sumiu completamente. Das nossas vistas - e dos nossos pensamentos.

5.

Uma semana e meia antes do início da nossa missão, um correspondente de guerra contou uma história macabra: Numa aldeia na floresta, ele havia visto com seus próprios olhos alguns selvagens estrangulando um inocente pássaro.

Depois, eles arrancaram as penas do pássaro morto da sua pele até deixar o seu corpo todo ferido e pelado. Para horror do observador, os selvagens, porém, não pararam por aí e assaram o cadáver martirizado no fogo, para, então, conforme me assegurou o jornalista ainda chocado, despedaçá-lo e devorá-lo.

Mas antes disso, também já haviam corrido vários boatos no acampamento sobre a existência de alguns nativos que comiam animais. Só que a gente precisava ter cuidado com essas histórias, pois na província de Kunduz contavam sobre aquela gente as histórias de horror mais sinistras que se pode imaginar. Por exemplo, se ouvia muitas vezes o boato de que os nativos haviam matado um porco-do-rio, arrancado suas tripas, triturado a pobre criatura, para depois, como que por escárnio, enfiá-la de volta nas tripas arrancadas. E que depois haviam queimado esses sacos compridos e devorado.

Pausa.

Mas mesmo que essa história fosse fruto da imaginação, ela queria dizer alguma coisa. Ela falava da selvageria, da crueldade da natureza. E com essa crueldade, não importa sob que forma ela se revelasse a nós, tínhamos que tomar extremo cuidado.

6.

PELLNER Ali! Olhe ali!

STEFAN DORSCH O quê? Onde?

PELLNER Ali! Ali!

STEFAN DORSCH Onde? Onde?

PELLNER Ali!

STEFAN DORSCH Onde?

PELLNER Agora sumiu.

STEFAN DORSCH Mas o que era?

PELLNER Não tenho ideia.

Pausa.

STEFAN DORSCH Oh, eu também queria ter visto.

7.

Entre os papéis que haviam me dado, encontrava-se também uma foto. Nela via-se Deutinger vestindo calças capri, uma camisa de manga curta bege e chinelos de dedo, sentado num muro de pedras rústicas ao sol. Atrás dele, o mar cintilante. Deutinger, com os cabelos levemente grisalhos, os olhos apertados, aparentemente analisava um mapa ou um folheto naquele instante. Ali sentado, ele tinha uma aparência absolutamente mediana, absolutamente normal. Sim, aquela era uma merda de uma fotografia de férias podre de sem graça, tirada em alguma merda de cidadezinha turística medíocre, em que aparecia um turista mediano entre 40 e 50 anos, completamente sem graça.

Joguei-a no rio.

8.

Ruído da lancha, ruídos da selva.

STEFAN DORSCH Se não fosse o ruído do motor aqui...

O motor silencia.

... e nem os ruídos da selva...

Ruídos da selva silenciam.

... o silêncio seria absoluto.

Silêncio.

9.

Folhas farfalhando bruscamente, por um longo intervalo de tempo (quase como se fosse uma peça musical). Depois, pausa. Novamente folhas farfalhando bruscamente, de novo por um longo intervalo. Depois, nova pausa. Então, brevemente de novo o brusco farfalhar.

Então, Pellner, quase como que febrilmente:

Esta floresta ... esta floresta infindável...

Outra vez o farfalhar, ainda mais brusco do que antes.

10.

Ninguém pode imaginar a alegria que tomou conta de nós quando, de repente, topamos com a civilização: Rodeados pela selva luxuriante, havia diante de nós dois galpões, alguns abrigos simples, cercas de arame e uma estrutura que possivelmente havia sido, um dia, um balanço de dois lugares, ou talvez também apenas um balanço normal ou, quem sabe, um varal ou um estacionamento coberto, ou a armação de uma tenda de festa; na verdade, não tem nenhuma importância o que essa armação já tenha sido um dia, afinal ela não vai desempenhar mais papel nenhum nesta história. Em todo caso, aquele pequeno posto devia ser a missão que Lodetti havia mencionado. Na margem, reunia-se um número cada vez maior de nativos seminus, recebendo-nos amistosamente com sua música tradicional. *Ouve-se uma bateção completamente indiscriminada de todo tipo de coisa, como baldes plásticos, panelas, caixas de papelão e canos de metal, além disso, uma cantoria completamente descoordenada, coisas como "Tarará", "Alô Alô", "Vira Vira" e "Laralá" e outras.*

Somente quando atracamos, vi que entre os selvagens encontrava-se um senhor mais velho, vestido. Ele se adiantou (*A música silencia.*) e disse:

REVERENDO CARTER Eu sou o Reverendo Lyle Carter. Quem quer que os senhores sejam e o que quer que os tenha conduzido até nós - todos são bem-vindos aqui!

A música recomeça agora um pouco mais forte. A seguir, ela vai sendo, aos poucos, abafada:

O Reverendo Carter começou a nos guiar pela missão. Dizia:

REVERENDO CARTER Isso é uma panela sobre o fogo. Nós aquecemos objetos ali dentro. Depois os comemos.

Isto aqui é um arbusto, ele cresceu aqui com o tempo.

Isto é uma casa de madeira. Nós a usamos para morar dentro dela e para colocar coisas dentro.

Isso aqui é um cachorrinho. Ele está farejando ao redor.

Isto, no meio do capim, é uma chave de fenda. Um de nós provavelmente a esqueceu ali.

Isso aqui coberto de grama é um pequeno buraco, se chega a tanto. E olhe lá: Aquilo é um balde com louça suja. Como o senhor pode ver, nós levamos uma vida simples aqui.

Sim, eu disse, sim.

REVERENDO CARTER Eu já estou há bastante tempo aqui...
disse ele,

REVERENDO CARTER Eu já estou há bastante tempo aqui. Vim para ajudar essas pessoas maravilhosas aqui. Vim também para trazer-lhes a fé.

STEFAN DORSCH Essa gente aqui não tinha antes nenhuma fé?

REVERENDO CARTER Bem, sim. Eles eram muçulmanos aqui quando eu cheguei. As mulheres, o senhor precisa entender, as mulheres tinham que usar véus que as cobriam da cabeça aos pés. Que religião é essa que prescreve às pessoas como é que elas têm que viver? Eu não conseguia entender isso. Para mim, religião significa ir ao encontro das pessoas, possibilitar-lhes coisas. Uma religião não deve forçar ninguém a nada!

Olhe para estas criaturas maravilhosas!

Ele apontou para um grupo de selvagens seminus sentados ali perto, ao redor de uma fogueira.

REVERENDO CARTER Estas meninas eram forçadas por sua fé a cobrir suas pernas, estas pernas maravilhosas, elegantes, cobrir sua pele, esta maravilhosa pele marrom, lisa, macia, suas bocas carnudas, tudo elas tinham que cobrir, seus pequenos traseiros redondos, olhe para estas meninas, nada elas podiam mostrar, seus seios jovens e viçosos, tudo tinha que ser escondido! Com certeza, uma que outra está mais acima do peso, mas, em sua maioria, são jovens belíssimas!

Que religião é essa que força alguém a uma coisa dessas! Que prescreve como alguém tem que viver!

Pausa.

O senhor acredita em Deus?

STEFAN DORSCH Não, para dizer a verdade, não.

REVERENDO CARTER Hum.

Pausa.

Bem...

Pausa.

Oh, isso não é grave. Não é nem um pouco grave.

Olhe ali aquela pedra, ela também não acredita em nada. Mas nem por isso ela é má. Ela simplesmente existe assim, simplesmente fica deitada à toa na grama. Não tem problema nenhum. Ela vive sem proibições, pode fazer ou deixar de fazer o que quiser. E, pelo jeito, ela quer ficar ali na grama à toa. Por que não?

Pausa.

Ela por acaso lhe incomoda?

STEFAN DORSCH Não, de modo algum.

REVERENDO CARTER Então!

Então, o Reverendo Carter se afastou, ou ainda disse alguma coisa e depois se foi, sumiu, não sei mais exatamente como. Stefan, de todo modo, sentou-se sob uma árvore e ficou olhando para além dali, para o rio. Ele parecia arrasado.

Depois de um tempo, disse:

STEFAN DORSCH Eu entendo que se queira acreditar em alguma coisa, que se queira saber para que é que se faz alguma coisa, por que motivo se faz tudo isso. Isso é o que nos dá a força para suportar as coisas.

Eu não disse nada, porque já havia seguido adiante faz tempo. Estava vagando por ali, alegre por me mexer, depois de termos ficado tanto tempo só no barco. Atrás de um dos galpões, havia um tonel para armazenar água de chuva e, na sua borda, estava sentado, imóvel, um pequeno papagaio. Eu me aproximei um pouco, mas o pássaro não se moveu.

Pausa.

Parei-me à frente dele.

Pausa.

Ele só ficou ali sentado, imóvel.

Pausa.

Agora! Depois de um tempo, ele moveu rapidamente a cabeça.

Pausa.

Então, voltou a ficar imóvel.

Pausa.

Ele simplesmente ficava só ali sentado.

Pausa.

Com impaciência. Bem, não importa.

Pausa.

Eu já estava quase indo embora, quando o papagaio, de repente, me disse:

(Com uma voz absolutamente normal, tranquila, nem um pouco rouquenha.)

PAPAGAIO Não muito longe daqui, um ônibus de linha foi atingido por uma granada, há umas duas semanas e meia. O motorista morreu na hora, um homem chamado Petrum também e uma mulher que voltava para casa depois do turno da manhã e mais uma outra mulher que eu não conheço. Uma menina que estava indo naquela hora para a aula de violino teve a perna arrancada e partes da mão direita, um homem mais velho da aldeia vizinha teve o rosto e os olhos feridos pelos cacos de vidro que foram arremessados pelo ar.

Era difícil de se acreditar, mas aquele pássaro pequeno e arrepiado realmente sabia falar. Quanta disciplina deve ter custado para ensinar aquele pássaro, quantos dias e meses? Mas o esforço havia valido a pena. Sim, que sinal especial de esperança era aquele animalzinho: Com tempo e esforço, bastava tentar com determinação suficiente que a gente conseguia ensinar mesmo uma criatura selvagem como aquela a falar! Eu dei como recompensa um amendoim ao pássaro arrepiado.

O papagaio tritura o amendoim, mastigando ávido e ruidoso.

Na praça entre os galpões parecia reunir-se agora um número cada vez maior de nativos. Eu, então, retornei. Stefan Dorsch continuava sentado sob a árvore, alguns nativos haviam se acercado dele, um até mesmo lhe afagava a cabeça, aparentemente para consolá-lo. Eu me sentei ao seu lado.

Então, quando o Reverendo Carter deixou um dos galpões, os nativos começaram a cantar:

Um canto refinado de muitas vozes, maravilhoso (deve ser utilizada aqui a gravação de um coro de meninos cantores).

CORO

Trevas, abandonem nossos corações
E saiam para a floresta.
Oh Senhor, dai-nos a luz
Para que o mundo possa nos ver.
Aleluia, Aleluia.

Pausa.

REVERENDO CARTER Estamos em guerra, Senhor. O mundo está em ebulação. Nós suplicamos que não vos esqueçais de nós. Sem a vossa graça, estamos sós, sem a vossa graça, ó Senhor, estamos perdidos. Nós vos suplicamos: Atendei-nos!

Pausa.

Não vos esqueçais de nós. Nós vos pedimos.

Pausa.

Nós vos pedimos.

Pausa.

Amém.

CORO Amém.

REVERENDO CARTER Eu quero hoje contar a vocês uma parábola, a parábola do urso-beiçudo e da menina Panya.

Pausa.

Então, escutem. O urso-beiçudo (*Melursus ursinus*) era muito rico, possuía uma próspera empresa de médio porte, mas uma coisa ainda lhe faltava para completar sua felicidade: alguém que o amasse. Mas as mulheres a quem quis dar seu coração diziam-lhe: "Urso-beiçudo, você é tão feio: seu focinho é cinzento ou de um branco sujo, seu pelo é desgrenhado, sua cauda é um toco de apenas 10 cm, em média, e suas garras são amareladas e retorcidas!" Assim, o urso vivia sozinho, mas um dia, não aguentando mais a solidão, pediu um conselho à raposa. A raposa respondeu: "Eu conheço um país distante, onde há muitas mulheres com quem você pode se casar. Pegue um avião até lá." E o

urso-beiçudo seguiu o conselho e voou para este país. Ainda na primeira noite (depois de se registrar no hotel), foi dar uma caminhada pela orla da praia, quando, de repente, uma jovem veio ao seu encontro. A menina falou: "Por favor, eu não tenho o que comer, sou muito pobre, não tenho nada, por favor, me dê uma coisa para comer." O urso-beiçudo, com pena da menina, levou-a a um restaurante e deu-lhe de comer e de beber, um filé com fritas e um pratinho de salada colorida junto com um refrigerante. Depois de comer, a menina disse: "O meu nome é Panya. Muito obrigada por ter me ajudado. Eu estava com uma fome terrível". Depois a menina se foi.

Na noite seguinte, o urso-beiçudo a encontrou novamente na orla da praia aparentando grande desalento. Ele perguntou: "Onde você mora?" "Aqui", respondeu Panya, "aqui nesta rua. Por favor, me dê uma coisa para comer, estou com tanta fome, não sei mais o que fazer". Ele ficou com tanta pena da menina, que a levou a um restaurante, deu-lhe comida e permitiu que dormisse em seu quarto no hotel para que não passasse frio na rua. Nesta noite, aconteceu o contato físico entre o urso-beiçudo e Panya. Eles transaram na cama, de pé no peitoril da janela, sobre o rack da televisão e no banheiro, em cima de um banquinho.

No dia seguinte, o urso-beiçudo comprou um vestido novo para Panya (seu velho estava sujo e rasgado) e lhe deu também um pouco de dinheiro para comprar algo para beber, se precisasse, ou uma revista ou outra coisa qualquer. E Panya ficou junto dele e dormiu com ele. E, no coração do urso-beiçudo, começou a desabrochar o amor. Assim passou-se o tempo e, pouco a pouco, se aproximava o dia do seu voo de volta. E, então, o urso-beiçudo convidou Panya a uma *steak house*, e lá, depois de terem comido, disse a ela: "Eu venho de outro país, onde sou dono de uma empresa de médio porte que fabrica acabamentos de plástico para cadeiras de escritório, como você sabe. E eu queria perguntar se você quer vir comigo para esse país e viver comigo? "Sim, eu quero, sim", respondeu Panya. E o urso-beiçudo sentiu, então, uma felicidade indescritível. Ele disse: "Eu te amo, minha doce Panyazinha, eu te amo

muito, muito! Você também me ama assim?" Mas Panya não respondeu. Então, de repente, ele compreendeu, e uma dor enorme atingiu-lhe o peito, ele se sentiu tão só como nunca tinha se sentido antes em sua vida. Gritou, então: "Vá embora, você me enganou! Você simplesmente me enganou, vá embora, nunca mais quero ver você, sua bicate, vá! Vá duma vez, ande!" E Panya se levantou, tapando o rosto com as mãos, e foi embora.

Pausa.

O apóstolo Paulo diz: Tudo o que fizerdes deve ser por amor.

Sim, aquele não age por amor, e sim movido por outras razões, atrai infelicidade sobre si e o próximo.

Aquele que não age por amor ficará com o coração vazio.

Pausa.

Cantemos agora o cântico número 157.

Então os selvagens se levantaram de um pulo e começaram a cantar e dançar. *É tocada a canção "Alane", de Wes, ou "The lion sleeps tonight", do The Tokens, mas logo em seguida só se consegue ouvi-la de longe.* Senti um estranho silêncio dentro de mim. Stefan Dorsch estava sentado ao meu lado na grama, olhando para o chão, ao nosso redor os selvagens cantavam e dançavam.

Pausa.

Eu sempre encaro tudo com cinismo, sim, eu sempre encaro tudo com este cinismo, que é para não deixar que nada me afete. Mas aqui, justamente aqui, longe de tudo, nós dependemos uns dos outros, senão este mundo nos devora, senão ele simplesmente nos devora. Por que não posso ser gentil, por que não posso ter um pouco de abertura em relação às outras criaturas?

Silêncio.

PELLNER Sinto muito não poder dizer a você qual é a nossa missão, Stefan. Fui proibido.

Pausa.

STEFAN DORSCH Eu sei.

Pausa.

Está tudo bem...

Pausa.

...está tudo bem.

Pausa.

É só que eu estou com um medo terrível.

11.

Quanto mais nos embrenhávamos naquela natureza, mais monstruosa ela nos parecia, mais irreal parecia tudo o que nos rodeava, aquela abundância - todos aqueles animais e plantas que nós nunca tínhamos visto antes. Cada vez mais falso me parecia aquele mundo luxuriante, e quando os fortes aguaceiros desabavam sobre nós, por alguns momentos isso até soava para mim como se alguém estivesse despejando arroz numa caixa de papelão...

Ouve-se ruído de arroz sendo despejado numa caixa de papelão.

... e o trovão se assemelhava, para mim, a alguém somente batendo num velho portão de garagem.

Batidas contra um portão de garagem são ouvidas junto com o arroz sendo despejado. Pouco a pouco, gravações autênticas de tempestades são misturadas, de forma que em nenhum momento possam ser distinguidas dos sons produzidos.

Mas, para nós, aquela selva, aquela natureza - para nós tudo isso era real da maneira mais terrível.

Por um momento, continua chovendo e trovejando e relampejando violentamente.

12.

Stefan Dorsch estava agachado na proa do nosso barco.

Pausa.

Sim, ele estava agachado, gemendo.

Pausa.

Mas por quê?

Pausa.

Alguma coisa ele estava fazendo lá.

Pausa.

Mas o quê? O que ele estava fazendo lá?

STEFAN DORSCH Eu estou tentando abrir essa fruta aqui.

PELLNER Que fruta?

STEFAN DORSCH Essa aqui.

PELLNER De onde é que você tem isso?

STEFAN DORSCH Não sei. Ela deve ter caído acidentalmente de uma árvore no nosso barco.

Pausa. Ele geme, depois se ouve um ruído de algo sendo trincado e sorvido.

Ah, ora.

Pausa.

Oh.

PELLNER Que é?

STEFAN DORSCH Olhe só!

Ele me estendeu uma metade da fruta, apontando para o caroço no meio.

PELLNER Parece uma casa.

STEFAN DORSCH É mesmo, é exatamente igual à casa, onde eu cresci, em Bernburg!

Pausa.

E aqui, aqui embaixo! Parece o apartamento que tinha na casa! É igual ao apartamento que os senhorios da casa alugavam para mim e a minha mãe morarmos.

Ele tinha razão. A parte de baixo do caroço lembrava realmente um pouco um apartamento dentro de uma casa.

STEFAN DORSCH E ali! Olhe ali!

Na parte de fora do caroço, as fibras da polpa dourado-oleosa formavam como que um novelo de lã.

PELLNER Poderia ser um arbusto ou algo assim.

STEFAN DORSCH Sim. Aqui é a cerca-viva. Eu sempre brincava ali quando criança.

E aqui, abaixo, são os buracos que eu cavava na terra, porque sempre me entediava sozinho.

PELLNER Bem, poderiam também ser bolas ou pedras.

Pausa.

STEFAN DORSCH Sim, é verdade. *Pausa.* Também poderiam ser bolas ou pedras, é verdade.

PELLNER E aqui...

Do outro lado do caroço, os veios da polpa pareciam uma roda, e ao redor um, sim, um para-lama, e ao lado um tipo de porta de carro e isso aqui lembrava surpreendentemente o grande porta-malas de uma caminhonete, sim, no total parecia, sim, parecia...

PELLNER ...um carro fúnebre, parece um carro fúnebre.

Silêncio constrangido.

STEFAN DORSCH Sim. *Pausa.* O senhor tem razão.

PELLNER Mas o que tem isso?

Pausa.

STEFAN DORSCH Parece o carro fúnebre que veio quando a minha mãe morreu. Ela teve um derrame cerebral. Estava caída no chão do banheiro. Isso foi quando eu tinha quinze anos.

Pausa.

Parecia que ela ainda tinha tentado se segurar numa toalha de sauna estendida ali e acabara puxando a toalha junto. A toalha estava cobrindo o seu rosto quando eu a encontrei.

Pausa.

PELLNER Eu não consigo enxergar aqui nenhuma toalha de sauna.

Pausa.

STEFAN DORSCH Eu também não.

Pausa.

Mas foi assim.

Silêncio.

PELLNER Bem, o que você está esperando?

STEFAN DORSCH Eu não consigo, não consigo comer.

PELLNER Por que não?

STEFAN DORSCH Porque me deprime. Porque me lembra da morte da minha mãe. Ela é a única pessoa que eu tive de verdade.

PELLNER Mas a polpa só parece com isso, ela só tem essa aparência por acaso, mas continua sendo simplesmente só uma fruta. Você está vendo coisas demais aí dentro, Stefan.

Pausa.

STEFAN DORSCH O senhor acha?

PELLNER Sim. É apenas uma fruta. Que mais seria?

Pausa.

STEFAN DORSCH O senhor tem razão.

Pausa.

O senhor tem razão, sim.

Pausa.

Que seja.

Pausa. Ouve-se Stefan comendo em silêncio.

PELLNER E?

STEFAN DORSCH *Mastigando.* Sim, bem, até que é adocicado.

PELLNER Mas?

STEFAN DORSCH Ah ...

Pausa.

Experimente um pouco.

PELLNER Não, obrigado, pode comer à vontade.

Stefan Dorsch cortava com o canivete pedaços da polpa dourada e os levava à boca, olhava para frente, calado, e continuava a comer. O suco escorria-lhe pelo queixo, escorria pelas mãos para dentro das mangas, pingava nas suas calças.

Eu abri outra vez os documentos e me pus a ler.

Num certo momento, percebi que corriam lágrimas dos olhos de Stefan, elas escorriam pelas suas faces, misturando-se com o suco e pingavam no chão. Stefan comia e comia.

Eu não disse nada. Também nem tinha o direito. O que eu tinha a ver com os problemas dele?

13.

STEFAN DORSCH A solidão é uma árvore em flor. Eu sou uma criança que fica trepando nela.

Escutem só como o vento faz farfalharem as folhas!

Nenhum ruído.

14.

O crepúsculo havia se deitado sobre a floresta. Eu estava sentado na popa do barco. A silhueta escura de Stefan Dorsch à minha frente, junto ao leme, a nem três metros de distância.

Pausa.

Se eu atirasse agora (Eu só precisaria apertar no gatilho, mais nada!)... poderia simplesmente atirar na sua cabeça, pelas costas, bem simples.

Pausa.

Ninguém jamais encontraria Stefan. Eu só precisaria alegar que ele havia sido abatido num combate.

Pausa.

Qual seria o problema?

Pausa.

Sim, qual seria o problema afinal? Stefan nem perceberia que não está mais aí. E não teria ninguém que fosse sentir a sua falta: Stefan era completamente sozinho no mundo. Eu poderia, então, simplesmente atirar em sua cabeça. Não iria mudar nada.

Pausa.

Mas por que eu deveria fazer isso?

Pausa.

Por quê?

Pausa.

STEFAN DORSCH *Perplexo.* Sr. Pellner?

PELLNER Sim?

STEFAN DORSCH O que é isso?

15.

Um breve (desafinado) solo de trombeta.

Bad Rippoldsau, 2/9/2012

Hoje não vou mais continuar a escrever esta peça radiofônica. Meus pais passam o dia inteiro sentados lá embaixo, na frente de casa (na verdade, o tempo nem precisa estar bonito e eles fazem isso igual), e eu fico um pouco aqui e um pouco lá embaixo, numa atividade sem muito rumo.

Há pouco, no almoço, eu contei sobre a trama da peça para a minha mãe e do que se trata. De repente, ela me pergunta (entre outras coisas): "Não tem nenhuma mulher?" E é a primeira vez em que me dou conta de verdade disso! Como é louco (e deprimente) isso de eu montar outra vez uma história e todos os que atuam, todos os que falam são homens e as mulheres têm que ficar caladas ou nem mesmo aparecem. Isso diz alguma coisa sobre como a gente, afinal, é limitado no pensar e também sobre a imagem que se tem do mundo e da sociedade, embora a gente acredite que escreve na contramão dessa imagem. Mas o que me surpreendeu quase que mais ainda é que isso é assim e eu nem sequer percebo.

Bad Rippoldsau, 3/9/2012

Hoje de manhã eu fugi outra vez de escrever. Sempre me volta a sensação de que não consigo escrever sobre as coisas porque não as conheço. Mas é justamente essa a questão, essa relação. De algum jeito eu sempre fico em dúvida se não falta veemência para a pessoa se ela tiver a tarefa de escrever sobre alguma coisa que lhe é "estranha". Então, hoje eu fugi outra vez. Ao invés de escrever, fui ajudar meu pai a fazer a comida, a cortar os legumes. Eu recém tinha cortado um pepino e retirado as suas sementes com uma espátula, quando tive a ideia de fazer pontas numa tira. Ficou parecendo uma canoa. Mostrei ao meu pai. Aí ele também pegou um pepino e esculpiu, muito rápido, um avião com asas, turbinas, rampas de emergência e tudo o mais. Eu também peguei outro pepino e tinha começado a esculpir uma velha maria-fumaça, quando meu pai já gritava: "Olhe aqui! Um trambolho gigante!" Meu pai tinha feito com o pepino uma piroca gigante e começou a agitá-la pelo ar e a fazer ruídos como se se tratasse também de um avião ou coisa parecida.

STEFAN DORSCH Eu estou com medo.

Eu estava tão ávido, que continuei trabalhando na minha locomotiva de pepino, estava tentando (completamente exagerado!) esculpir os carvões no tênder.

STEFAN DORSCH Estou com medo de morrer aqui.

Meu pai já me chamava outra vez: "Olhe aqui - o nosso carro!" Ele tinha esculpido um carro num tomate. Não se parecia com o nosso carro (que é cinza-prata, enquanto aquele era vermelho), mas com um carro.

STEFAN DORSCH Será que eu vou morrer?

Meu pai ergueu o carro de tomate, falando muito alto: "Este poderia ser o carro de legumes, que tal? Aliás, em duplo sentido: o carro que entrega legumes e, ao mesmo tempo, ele próprio um legume. Não é bizarro?"

STEFAN DORSCH Será que eu vou morrer aqui?

Eu não posso revelar isso aqui. Não dá.
E agora volte para o rio.

Stefan Dorsch a esmo no entardecer, em algum lugar mais adiante na floresta.
Pausa. Mas eu não sei disso, eu não sabia disso. Para mim, ele tinha simplesmente sumido, e eu tinha ficado ali no barco repentinamente sozinho. Raramente tenho medo, mas é uma sensação terrível quando a gente se acha de repente sozinho, no meio dessa selva, sem uma razão evidente. A gente tem confiança de que as coisas sejam mais ou menos previsíveis, de que não aconteça de repente algo completamente inesperado e ilógico. Especialmente aqui nessa lonjura é preciso poder confiar em alguma coisa. Mas eu não conseguia enxergá-lo, não consigo ver onde ele está e nem que está começando a voltar, neste instante, através da vegetação, através da escuridão. Fico aqui sentado, à espera. *Pausa.* Sim, esperei por um longo tempo. *Um estalar nos arbustos.* Oh Deus, tomara que seja ele! *Passos na grama. Respiração ofegante de Stefan Dorsch.* Aí está você! *Silêncio.*

PELLNER Onde você estava?

Pausa constrangida.

Onde você estava?

STEFAN DORSCH Lá na frente. Eu estava lá na frente.

PELLNER Você não pode simplesmente sumir!

STEFAN DORSCH Eu sei. Ora, eu sei, mas...

PELLNER Por que você fez isso?

STEFAN DORSCH Não sei.

PELLNER Por que você me deixou aqui sozinho, sem mais nem menos?

STEFAN DORSCH Não sei.

PELLNER Onde você estava?

STEFAN DORSCH De repente, eu estava lá na frente.

PELLNER Por quê? O que você estava fazendo lá?

STEFAN DORSCH Não sei... eu...

PELLNER Você tem que saber o que estava fazendo, ora!

STEFAN DORSCH Eu estava... eu estava lá...na vegetação, nos arbustos...era... eu precisava...eu precisava cagar...é, eu precisava cagar!

Silêncio constrangido.

Eu não saio da linha com facilidade. Mas acho que nunca tinha me sentido tão enganado. Ele tinha sumido, sem mais nem menos. Mas não era isso. Isso eu talvez até teria conseguido entender de alguma forma: Provavelmente era assim que era a história, ele tinha sido simplesmente colocado lá, lá na frente, na floresta. Mas eu não entendo por que, então, ele vem mentir para mim. Isso é que eu não entendo. Eu sei que Stefan Dorsch, com seu jeito amável, é quem atrai as simpatias aqui. Aliás, muito mais do que eu, que sou muitas vezes cínico, e às vezes até mesmo duro. Mas Stefan Dorsch havia simplesmente mentido para mim. Em quem eu deveria confiar aqui, senão nele?

PELLNER *Calmamente*. Por que você está mentindo para mim?

Silêncio.

Ele nem sequer responde! Simplesmente fica ali, olhando para o chão. Nem sequer tenta explicar-se! Simplesmente fica ali de pé, sobre suas pernas tortas e feias.

Pausa.

Sim, Stefan Dorsch tinha pernas completamente tortas. Ele tinha, aliás, tudo feio, mas principalmente as pernas e os dentes. Tinha dentes absolutamente nojentos.

Pausa.

Eu não contei isso até agora. *Pausa*. Na verdade, eu não queria contar, em consideração a ele.

Pausa desalentada.

Seja o que for.

Silêncio.

A uma certa altura... oh...

Pausa.

Não interessa como continuou depois.

Pausa.

Nós pernoitamos, então, no barco.

Pausa.

Eu dormi mal. Muito mal.

Silêncio.

Ah, sim: na manhã seguinte, quando nós acordamos, ainda continuava escuro.

17.

Tudo estranho a nossa volta.

A floresta totalmente fechada, absolutamente impenetrável. Somente aquela gritaria o tempo todo!

Um ruído sintético, muito distante na floresta.

Animais estranhos, os gritos deles na escuridão.

Outro ruído sintético vindo das profundidades da floresta.

Aí! De novo.

Se ao menos a gente pudesse enxergá-los.

Mas não dá para ver nada, apenas a floresta escura.

Mais outro ruído sintético vindo da floresta.

Oh, que bichos de merda. Só os gritos destes bichos de merda.

Um ruído especialmente sintético-estranho vindo da floresta.

Aí, outra vez.

STEFAN DORSCH Eu não estou enxergando mais nada.

Pausa.

PELLNER Eu sei.

Pausa.

STEFAN DORSCH Está tudo completamente escuro.

Pausa.

Senhor Primeiro-Sargento?

PELLNER Sim?

Pausa.

STEFAN DORSCH Eu acho que o rio não está mais ali.

PELLNER O quê?

Pausa.

STEFAN DORSCH Acho que o rio sumiu.

Pausa.

Tenho a sensação de que nós não estamos mais avançando.

Pausa.

PELLNER Você tem certeza?

STEFAN DORSCH Eu não sei. Mas tenho a sensação de que paramos de avançar, como se o rio tivesse desaparecido.

Silêncio.

O que nós vamos fazer agora?

Pausa.

PELLNER Eu não sei.

Pausa.

Vamos sair do barco e continuar a pé.

STEFAN DORSCH Mas para onde?

PELLNER Adiante, nós temos que seguir adiante.

STEFAN DORSCH Mas para onde nós vamos nessas trevas?

PELLNER Nós temos que ir adiante. Venha.

STEFAN DORSCH Onde o senhor está?

PELLNER Aqui.

STEFAN DORSCH *Desalentado*. O rio, ele sumiu.

Pausa.

Não tem mais nada aqui.

PELLNER Venha.

Pausa.

Vamos continuar.

Pausa.

Então continuamos.

Pausa.

Nós avançamos, penetrando mais e mais nas trevas.

Não sei por quanto tempo andamos assim.

Avançamos, penetrando mais e mais nas trevas.

Eu também não sei mais...

STEFAN DORSCH Para onde?

PELLNER Eu também não sei mais.

STEFAN DORSCH Para onde?

PELLNER Não consigo ver mais nada.

STEFAN DORSCH Está tudo escuro!

PELLNER Não consigo enxergar mais nada.

STEFAN DORSCH Tudo escuro!

PELLNER Também não sei mais.

STEFAN DORSCH Por quê?

PELLNER Eu não sei mais.

STEFAN DORSCH Para quê? Para quê?

PELLNER Nós avançamos, penetrando mais e mais nas...

STEFAN DORSCH Medo! Eu estou com medo!

PELLNER Mais e mais nas...

STEFAN DORSCH O medo! Ele vem e toca o meu coração!

PELLNER Nós temos que avançar, avançar para dentro...

STEFAN DORSCH A coisa! A coisa, oh Deus, as trevas!

PELLNER É tudo completamente preto, é tudo...

STEFAN DORSCH Tão escuro! É tudo tão tenebroso! Tão tenebroso!

PELLNER Sim, é tudo...

STEFAN DORSCH ... tão tenebroso.

DEUTINGER E, então, eu subitamente surjo...

Silêncio.

STEFAN DORSCH Quem... é o senhor?

Pausa.

DEUTINGER Eu sou aquele a quem vocês estão procurando.

Pausa.

STEFAN DORSCH *Desalentado.* Isso é bom.

19.

Ouve-se alguma coisa aqui. (Mas eu não sei o que é.)

DEUTINGER Uma noite, antes de Matthias, Ingo e eu virmos para cá, eu tive um sonho. Sonhei que subia o rio com o barco. Aí, abriu-se uma grande cavidade sobre o rio, parecida com uma gruta. Eu me assustei por um momento, mas como minha missão exigia, segui adiante. Quando entrei, percebi que aquela cavidade não era nada mais que o meu próprio ânus. E mesmo que soe estranho: isso não me apareceu muito fora do comum (pois no sonho prevalecem outras leis do que na realidade). Então, segui viagem, ao meu redor, a selva incontrolável, sempre adiante, rio acima, penetrando mais e mais profundamente nas minhas entranhas, no meu corpo, naquela natureza insólita. Uma vez, durante minha longa viagem, vi, numa curva, uma cabana em chamas, e, noutro ponto, macaquinhas com toucas vermelhas nadando na água, mas não consegui interpretar esses sinais estranhos (se é que de fato eram sinais). Segui adiante, por muito tempo, e comecei a sentir mais e mais horror a este mundo. A este mundo, em que tudo tinha um frêmito de vida, de vida sombria e estúpida. Eu segui adiante, sempre adiante, passei pela membrana que envolve as vísceras, até a cavidade torácica. Aí tudo ao meu redor se encheu subitamente de um ruído. Eu não sabia, primeiro, de onde ele vinha - então, percebi que era a campainha do meu celular. Fui tomado por uma enorme saudade de atender meu telefone, de ouvir uma outra voz, outra pessoa! Mas era impossível, ele estava tão distante, lá longe, no bolso da minha calça ou sobre a mesinha de cabeceira, e eu estava lá dentro, lá naquela selva.

Vi o emaranhado ao meu redor, vi as árvores, vi as veias, as artérias e vasos, eles me levavam cada vez mais adiante, dias e noites, foi ficando tudo cada vez mais sombrio, e, então, ficou tudo completamente escuro e silencioso. Então, eu percebi que não havia mais como ir adiante, que eu havia chegado.

Subitamente, porém, fui tomado por um sentimento de horror, por um medo infinito, e comecei a gritar e a chamar, gritei feito louco pela minha

mãe, pelos meus irmãos, pelos meus amigos, pelos colegas de trabalho,
por quem quer que fosse!

Mas ninguém me ouvia. Eu estava completamente sozinho nas trevas e
fora isso não havia nada.

21.

STEFAN DORSCH Todos cheios de expectativa

No fim da história

E, portanto, no fim da viagem.

No canto mais escuro da cabana, enfim,
esperamos o animal misterioso.

Mas, então, afinal,

lá tem somente um pouco
de palha apodrecida.

Pausa.

Quando eu tinha onze anos, vi num livro de ciências
do meu colega Marten Delling a ilustração
colorida de uma bomba de vácuo. Eu perguntei a ele
que era aquilo, um vácuo.

E Marten Delling disse:

Vácuo é quando não tem nada.

E no caminho de volta da escola

Andei pela Krumbholzallee pelo meio do matinho
Tive a sensação de estar só dando voltas

Em minha própria infinita estupidez

Pois eu não conseguia entender.

Em casa, perguntei a minha mãe

Que estava cozinhando, se no nada

Então havia ar, mas minha mãe disse: Não

Onde não tem nada, não tem nada, ora

Não tem como entender, por favor,

vê se entende e agora

vem me ajudar com a comida.

E eu fui e ajudei minha mãe com a comida.

Pausa.

Obviamente, nós perguntamos a Deutinger, quando o encontramos,
Por que ele havia feito aquela coisa horrível

Que ele havia feito, perguntamos, por que
Você fez aquilo, por que diabos
Por quê?
E Deutinger
Nos disse, ora. Ele disse:

DEUTINGER A minha missão falava de algumas dúzias de combatentes inimigos que nós tínhamos que rastrear para um ataque aéreo. Então, para as minhas contas, peguei o número mínimo concebível: duas dúzias. Calculei que nós três, Ingo, Matthias e eu, mataríamos essas duas dúzias de combatentes. Calculei 3 menos 24, mas daí obtive menos 21, o que, obviamente, não dá certo. Então, percebi meu erro. Fiz de novo a conta, desta vez 24 menos 3. Ou seja, 21. Mas isso também não era bem correto, porque nós três não fazíamos parte dos 24. Então, contei que primeiro são 24, depois chegamos mais nós, três soldados, ou seja, mais 3, e então 24 são mortos, ou seja, menos 24, aí se chega ao resultado 3. Assim estava correto. *Pausa*. Mas eu tinha começado o cálculo com o 24 e no final só sobraram 3. *Pausa*. Aí eu compreendi o absurdo que aquilo era. *Pausa*. Eu havia me tornado soldado porque considerava a guerra, por mais terrível que fosse, como uma coisa necessária. Porque, afinal de contas, ela serve para impedir que ainda mais seres humanos morram. Ela serve para que morra o menor número possível de pessoas. *Pausa*. Eu matei Ingo e Matthias enquanto eles dormiam, para que não sentissem nada. Mas, quando fui me matar, ficou repentinamente claro para mim que era melhor não fazer aquilo: Assim, apenas dois perdem a vida.

Pausa.

Isso foi o que Deutinger nos disse. Ele sabia que seria considerado louco por isso. Disse:

DEUTINGER Eu não sou louco. Isso é a coisa mais humana que é possível se fazer aqui.

Para ser honesto, o que ele disse era comprehensível para mim. Sim, eu o entendia.

Pausa.

Mas isso aqui é somente um texto e não o que realmente conta. Porque não é aqui; o horror, ele não acontece aqui, a gente não pode confundir com o que acontece na realidade.

Pois lá é que acontece o horror.

Pausa.

Mas vocês sabem disso.

22.

STEFAN DORSCH Como a história acaba?

Na primeira versão, eu nem aparecia mais no final. Porque, afinal, nunca se tratou de mim aqui. Talvez isso não seja nenhuma novidade, mas para mim foi, mesmo assim, muito triste reconhecer isso. E, na segunda versão, Pellner me deixava para trás com Deutinger, mas também ele não estava mais lá.

DEUTINGER É verdade. E, na seguinte, eu me matava com um pequeno arame e um pedaço de madeira...

STEFAN DORSCH E uma carga de caneta vazia.

23.

*Novamente um ruído. Mas este é reconhecível: é o canto de uma lebre,
que está presa numa armadilha, sangrando.*

24.

DEUTINGER Numa outra tudo simplesmente cessou, somente um vento era ainda audível, ciciando em árvores quaisquer, que na verdade nem existem aqui.

O vento ciciendo nas ditas árvores.

STEFAN DORSCH Aí! Dá para ouvir! Era exatamente assim!

DEUTINGER Eu disse! E noutra, ainda, o Primeiro-Sargento Pellner foi embora, provavelmente para cumprir sua missão.

STEFAN DORSCH Que missão?

DEUTINGER Ele tinha que transmitir as minhas coordenadas para um ataque aéreo.

STEFAN DORSCH Sim, está certo: eu fiquei lá para proteger você com a minha presença.

DEUTINGER Sim. Eu não vou me esquecer disso que você fez.

STEFAN DORSCH Mas é claro que foi difícil para mim não ir com Pellner. Eu havia feito esta viagem inteira com ele, até aqui.

Eu ia andando pela escuridão. Estava tudo absolutamente quieto. Eu andava e andava. Estava tudo escuro, mas eu conseguia me orientar. Tinha a sensação de que também dentro de mim estava tudo absolutamente escuro e quieto. Era como se eu estivesse somente dando voltas dentro de mim.

As trevas não me davam medo, não, elas eram absolutamente simples, quase risíveis. O barco estava lá. Eu não conseguia vê-lo, mas sabia. Quando me aproximei, senti que havia mais alguém lá.

Silêncio.

PELLNER Quem é você?

TOFDAU Eu me chamo Tofdau.

PELLNER Suma daqui! Fora do meu barco!

TOFDAU Não, eu não vou sair.

PELLNER Você não tem nada que fazer aqui!

TOFDAU Tenho, sim.

PELLNER Mas o que é isso? Suma daqui, seu insolente!

TOFDAU Não, eu vou ficar aqui. Deixe-me explicar: eu caí no mar quando meu amigo Último e eu, por necessidade, queríamos abordar um navio. Eu afundei, fui parar lá embaixo, no fundo. Estava perdido. Mas nós sempre estivemos perdidos, isso não quer dizer nada para nós. Me pus a caminho. Andei pelo fundo do mar para chegar aqui, entrei na foz, adentrei o rio, segui por essa linha, até aqui.

PELLNER Que bobagem! Você não tem nada que fazer aqui! Fora daqui!

TOFDAU E para onde o senhor quer que eu vá? Esta também é a nossa, também é minha história, ora!

PELLNER Besteira! Eu não vou deixar você me deter!

TOFDAU Eu tenho o direito de aparecer aqui. Senão, quem mais vai me ouvir? Onde eu vou poder contar de mim, senão aqui?

PELLNER Sei lá. Me deixe em paz! Você não tem nada que estar aqui agora! Desapareça!

TOFDAU Eu vou agora contar a minha história.

Vou contar a minha história!

(Com grande emoção.)

Naquela época, quando eu era criança, muitas vezes com giz em cima, era tão comum, e eu ficava andando e ouvindo e parafusando no meio das coisas, inclusive árvores. Minha mãe e meu pai, carros eram poucos, mas em contrapartida, à noite, a madrugada fresca, aparelhos de ramos de palmeira. Eu ouvia o que contavam: animais que fazem alguma coisa, outras coisas também. Eu me lembro exatamente: O que mais - e o juncos! Talvez as coisas estejam agora muito cercadas, mas naquela época era diferente. Uma porta na rua, lá que não permanecia por muito tempo no ar, eu diria. Songo! Em certas circunstâncias. "Hum", nós dizíamos, ou sussurrávamos, e: "obrigado" e "corredor da casa". E aquilo era com pedrinhas, raro, mas também incomum. Eu já tinha muito antes o farfalhar de papel quando se tira o pó, Último e eu. É, sim! E repetidamente penhascos e sujeira e pauzinhos, nós tínhamos esperado tanto por isso, e então desabou, como cacos de vidro, não, mais como chamadas, de manhã e...

PELLNER *Exaltado*. Eu não estou entendendo patavinas, cara! Que é que você quer? O que você está falando! Isso é uma confusão total!

Disparei várias vezes.

Nenhum ruído.

Foi tudo muito simples.

Silêncio.

Quando entrei no barco, enviei as coordenadas ao centro de operações, porque essa era a missão.

26.

DEUTINGER Eu entendo que tenha sido difícil não ir com ele. Você disse também algo assim para ele, antes que ele fosse.

STEFAN DORSCH O quê?

DEUTINGER Você disse para ele que tem a esperança de que vocês pelo menos tenham se reconhecido, mesmo sabendo que não se tornaram amigos.

STEFAN DORSCH E o que Pellner respondeu?

DEUTINGER Não sei. Acho que ele disse: "Pode ser". Ou algo parecido.